

Restauro: Quando a Obra Requer Sensibilidade

CAMPANA Jorge

Engenheiro na ARS URBE Projeto & Pesquisa e doutor em Gestão das Obras de Restauro Arquitetônico pela Universidade Federal Fluminense. Atuou junto ao IPHAN durante 15 anos nas áreas de coordenação de obras de restauro, orçamento de obras de restauro e fiscalização.

Informações do Artigo

Histórico:

Recebimento: Maio 2016

Revisão: Maio 2016

Aprovação: Maio 2016

Palavras-chave:

Restauro

Sensibilidade

Instâncias de Fiscalização

1. Introdução

Toda arte requer sensibilidade, e não poderia ser diferente com um projeto de restauro, que é composto por várias etapas, desde a pesquisa histórica, que contextualiza o edifício ao longo de sua existência e pontua os seus períodos e a sua importância na história, até o momento em que fica pronta a proposta de intervenção.

É assim que o engenheiro civil Jorge Campana sintetiza as ações do início de uma obra de restauro. Ele explica que o levantamento cadastral completo deve incluir fachadas, esquadrias, telhados, alvenarias, elementos estruturais, elementos de restauração, pisos, forros e demais elementos construtivos, detalhadamente descritos, para que se possa avaliar corretamente o conjunto da edificação.



Figura 1 – Fachada deteriorada

Fonte: AECWeb

“Na sequência, e com base nas plantas de cadastro, é realizado o mapeamento de danos na obra e são representadas em projetos as deteriorações e demais danos que afetam o

conjunto do edifício. A partir do mapa de danos, são estudadas e definidas as patologias encontradas e feitos os diagnósticos específicos para a recuperação de cada elemento”, explica o engenheiro.

2. A proposta de intervenção

Após a etapa do conhecimento do edifício, suas patologias e os tratamentos para a recuperação, é então definida a proposta de intervenção, que se efetiva com a explicitação das metodologias e especificações técnicas que devem abordar detalhadamente cada item do conjunto da edificação. O projeto é concluído com o orçamento detalhado, listando os custos de cada ação descrita no projeto.

De acordo com Jorge Campana, nas obras de restauro de patrimônio histórico, em geral, os elementos são únicos e as decisões, portanto, demandam bom senso e responsabilidade. Ele considera que o mais importante é entender que as naturezas dos serviços, da abordagem e do ritmo da obra de restauro são totalmente diferentes.

“O profissional deve estar disposto a estudar e se requalificar, para entender essa diferença, que não é óbvia. Existe muita resistência em relação às técnicas específicas por parte dos profissionais que atuam em obras novas”, explica Campana.

3. Características do edifício determinam projetos complementares

Em boa parte dos casos de obras de restauro são necessários os mesmos projetos complementares demandados em uma obra convencional - elétrica, hidráulica, combate a incêndio, entre outros. Entretanto, o engenheiro ressalta que o que irá determinar a quantidade de projetos complementares são as características do edifício aliadas à proposta de intervenção, salientando que geralmente a quantidade e a qualidade dos elementos artísticos existentes requisitam a elaboração de projetos específicos adicionais.

De acordo com Jorge Campana, o gestor de projetos de obras vai trabalhar sempre com

projetistas especializados, porque os edifícios históricos, predominantemente os mais antigos, são construídos com técnicas que não são de domínio do mercado de construção civil contemporâneo. Para ele, todos os profissionais envolvidos devem ter habilitação adequada para atuar nesses cenários exclusivos, principalmente o gestor, cujo domínio do assunto é fundamental para entender as particularidades envolvidas e definir as contratações, além de ter habilitação necessária para lidar com as demandas da fiscalização.

“Geralmente, são envolvidas dezenas de especialistas, como historiadores, arqueólogos, museólogos, arquitetos especialistas, engenheiros com conhecimento de estruturas antigas, técnicos em restauração artística, moldadores, escultores, marceneiros, serralheiros e pintores”, frisa o especialista.

Figura 2 – Casarão da Deodoro em processo de restauração, em Natal/RN



Fonte: Adriana Abreu

4. Instâncias histórica, artística e comercial devem ser respeitadas

Na opinião de Jorge Campana, o gestor deve perceber que, ao contrário dos edifícios contemporâneos, que se reportam apenas à instância técnica e comercial, os edifícios históricos focam, além destas, nas instâncias históricas, artísticas e aos órgãos de patrimônio.

“Surge daí o principal desafio para o profissional: lidar com um projeto que requer diversas técnicas pouco usuais no mercado. Dependendo do nível do tombamento - municipal, estadual, federal ou mundial -, será

preciso se reportar às diversas instâncias de fiscalização e ter o extremo cuidado ao abordar elementos históricos que, não raro, são únicos e demandam sensibilidade e responsabilidade além da usual”, revela Campana.

5. Gestão para além dos projetos convencionais

- Um gestor de projetos da área de restauro deve ter ciência de que elementos especiais estão em questão, além de exigir do gestor de obras que aloque no projeto profissionais habilitados.

- Independente de suas habilitações, o gestor de obras deve informar sobre cada técnica envolvida, de forma que os serviços sejam executados adequadamente e com o aval da fiscalização. Empresas especializadas neste segmento costumam treinar e qualificar seus profissionais constantemente.

- A fluidez do cronograma de obras tem relação direta com a qualidade dos projetos, da equipe executiva e da participação proativa da fiscalização. Em edifícios históricos, ocorrem surpresas relacionadas a itens que não foram devidamente cadastrados e que podem exigir estudos adicionais para execução.

6. Referências

[1] AECweb / e-Construmarket
[http://www.aecweb.com.br/cont/m/cm/gestao-de-projetos-de-restauro-requer-sensibilidade_9244].